
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ENTRE A LUTA E O ASSASSINO, RAZÕES PARA SOBREVIVER

Anderson Possani Gongora (UEL)
andergongora_81@hotmail.com

RESUMO: Partindo da leitura de dois contos de Sérgio Sant'Anna, "A luta" e o "Assassino", o artigo se propõe a examinar a violência em suas diversas modalidades criminais através de uma contextualização do *corpus* selecionado para análise, onde a presença da temática pode ser vista como fator de (i)racionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea, Sérgio Sant'Anna, violência.

Desde o descobrimento da Baía de Guanabara pelas primeiras expedições portuguesas que saíram, há mais de quinhentos anos, para explorar a costa do Brasil, Rio de Janeiro foi o nome dado ao local que se tornou, após a fundação da cidade, uma espécie de vitrine para todo o Brasil. "A Cidade Maravilhosa", "O Paraíso Tropical", assim também conhecida mundialmente por sua beleza natural, sempre foi um dos principais cenários para obras literárias. Por muito tempo ela foi e continua sendo o centro cultural do país. Nela nasceram, conviveram e morreram muitas gerações de escritores, artistas de todas as espécies que, fascinados pela sua complexidade, não deixaram também de representá-la socialmente.

Já no início do século XX, pela sua crescente urbanização e progresso financeiro, esta cidade se destacava, entre tantos outros fatores, pelo aumento da criminalidade. A violência fez dela seu palco de ação, se tornou seu principal problema. E é nesse palco que a literatura contemporânea se sustenta em suas diversas temáticas, colaborando para as reflexões em relação ao seu caráter paradoxal onde beleza natural se confunde com o complexo arquitetônico, em uma dicotomia entre a riqueza e a pobreza.

Partindo desse contexto, Sérgio Sant'Anna escreve "A luta" e "Assassino", os dois primeiros contos do escritor carioca, publicados em *O sobrevivente* (1969), sua primeira obra literária editada. Nela fica explícita a tendência do autor à temática da violência urbana do Rio de Janeiro a partir da década de 60.

Um trabalhador, que é também o narrador-personagem de “A luta”, entra em um restaurante, provavelmente do subúrbio do Rio, e começa a implicar com tudo o que vê à sua volta. Sua implicância o leva de tal maneira à perda do autocontrole e à loucura a ponto de extravasar suas tensões por meio da violência física. Mesmo aparentemente sem existir motivo algum ou sendo ele de extrema banalidade, esse personagem instiga uma luta com um mulato que, tranquilamente, também faz sua refeição a um canto do recinto. Assim, a partir de um acontecimento insignificante, do cotidiano, o conto se introduz e se destaca por um interessante e péssimo relacionamento entre três figuras tipicamente brasileiras que formam as cidades: o trabalhador, o velho e o mulato. Todos eles sem nome, sem identidade, como se fizessem parte do anonimato coletivo que compõe a grande cidade. O primeiro ainda pode ser considerado como cidadão útil porque utiliza a sua força física, contribuindo para o progresso da nação; o segundo é desprezado por sua inutilidade pública e apenas atrapalha em sua mísera luta pela sobrevivência; o terceiro é o cidadão miscigenado, pré-concebido como desocupado. Talvez, pelo ódio que demonstra, o trabalhador sinta inveja dele, pois para muitos preconceituosos, o mulato é o “tipo” que vive da malandragem, cuja força física se destina a ocasiões especiais, como bailes, lutas, esportes, entre outras.

No restaurante barato, onde a comida nada agradava, imediatamente, o protagonista se depara com o seu suposto inimigo: o mulato. Este é escolhido como alvo de uma ira reprimida daquele, iniciando-se a trama que os leva à luta: “O mulato mastigava de boca aberta e espalhava os braços, incomodando. Por baixo da mesa, eu tinha que encolher as pernas, pra não esbarrar nas pernas dele, esticadas, relaxadamente” (11)¹.

O mulato é espalhafatoso, é o despreocupado que vive bem, à sua maneira. Já o trabalhador é o que vive escravizado, aprisionado pelas exigências do serviço de ordem capitalista. Ele é fruto de uma sociedade injusta que o tem apenas como força bruta, que não o veem como sujeito que se constitui de uma totalidade sócio-cultural, ou seja, tendo direito ao descanso, ao lazer, entre outras beneficências. Mesmo nessas condições, ele ainda via o senhor idoso que estava próximo de si como “apenas um velho cheirando a pinga e sem dentes. Se não tivesse tão perto, se fosse na rua, nem reparava nele” (11). Isto é, mesmo em condições de pauperismo, para que ele pudesse se sentir uma pessoa útil era preciso haver uma hierarquização em relação ao seu próximo, por isso, desprezou o idoso com piedade, pois suas condições eram piores do que as dele. Num mundo hostil, a velhice não mais incomoda, não há porque competir com ela.

A raiva que predominava no trabalhador era contra tudo e contra todos. Sua forma de narrar é brutal e arrogante:

Mas eu podia não ter ido pra perto do mulato. De cara, parado ali na entrada, vi o jeito dele, confiante e debochado, como se fosse o melhor de todos. Não é que ele olhasse pro meu lado; na verdade não olhava para ninguém. Foi só o

¹ NOTA BENE: todas as citações dos contos serão feitas a partir de Sant’Anna 1997.

jeito dele, como se estivesse desafiando. Encarei o homem e tive medo; dele e de mim mesmo. Porque comigo é assim: não abaixo a cabeça nem aceito desaforo. Só aguento a mão lá no serviço, pois preciso de dinheiro. Mas puxar o saco é que não faço e por isso é que não subo na vida, com minha competência. Maior do que a de muita gente acima de mim. Aqueles caras lá na cantina, então, nem se discute; não são da minha laia. (11)

Essa hierarquização, na qual se enquadra o trabalhador oprimido, é um dos motivos que o leva a perder a paciência diante de algo tão banal, como o folgar do mulato. Dessa ordem inexorável, imposta pela sociedade, ele é dependente, pois precisa sobreviver e garantir a sobrevivência de sua família. Talvez, a liberdade conquistada pelo mulato é o oposto de sua opressão.

O trabalhador deixou transparecer certa humildade quando, ao adentrar no salão de refeição, pensou em pedir licença aos outros pelo incômodo. No entanto, mesmo conhecendo as boas maneiras, parece ter sido dominado por um instinto de brutalidade que o levou a gritar pela comida, e, ao perceber a presença do mulato, quis insultá-lo. Este não provocava ninguém, mas mesmo assim o trabalhador queria chamar a sua atenção, queria fazer dele a sua “vítima expiatória”, como se o outro fosse culpado pelo seu anonimato, por ninguém se importar consigo.

A situação se tornou prazerosa pelo fato de haver outras pessoas curiosas que esperavam o desenrolar da cena, sedentas que estavam por um espetáculo que agitasse o dia monótono de trabalho. A indiferença do mulato para com a atitude do homem que gritava foi ainda mais excitante porque ele pôde perceber o desvario deste. O trabalhador deixava transparecer o medo que tinha do outro e também de si mesmo. Medo incontrolável, medo do que poderia acontecer se deixasse aparentar sua fraqueza diante do inimigo. Por isso persistiu:

Então dei o berro pedindo a cachaça; olhando pra ele, dei o berro e uma porrada na mesa e os copos e garrafas e pratos tremeram, ele continuando a comer, como se nada tivesse acontecido. Só o velho é que se mexia, incomodando-se, querendo atrair a atenção para uma gentileza. Quando ofereceu a cerveja, peguei ela como um direito certo e nem mesmo devolvi a garrafa. Deixei ela ali do meu lado e isso botou o velho sem graça e descorado de medo (12).

O velho foi gentil, mas o narrador não retribuiu sua gentileza. Apenas sentia um imenso prazer em provocar o mulato, com este poderia medir suas forças, seu poder. Somente tolerava o velho por questões de respeito ao mais fraco, como se o deixasse para uma segunda ocasião, caso a primeira vítima desistisse. À medida que a raiva aumentava, o trabalhador fazia mais trapaças, e sua frieza foi tal que não se envergonhou de narrar: “igual quando batia na minha mulher. Batia porque ela tinha razão e eu batia e ela chorava e então eu batia ainda mais e ficava com nojo de minha pessoa e se ninguém me segurasse acabava matando ela de tanta raiva que eu tinha de mim (12).

Nesse trecho, há o destaque da violência física contra a mulher, pela sua inocência. Oprimida pela mísera vida conjugal, é a que apanha do marido sem motivo algum. Por trás dessa aparente violência banal está implícita a hierarquização de uma violência muito maior, onde todos são vítimas, principalmente as pessoas mais carentes. A violência contra o marido é a que persiste na vida de milhões de pessoas, ou seja, é a violência do Estado para com o sujeito. Este se torna impotente e a única coisa capaz de fazer é extravasar, de alguma forma, as suas tensões. O indivíduo obedece a quem lhe oprime, mas também precisa oprimir alguém. O respeito para com a mulher não existe em face do descontentamento que ele possui com sua própria vida. Para ele não são permitidas as chances de prosperidade. O Estado não é capaz de provê-lo de segurança, de condições dignas de sobrevivência. A obediência civil em relação ao Estado talvez fosse a única razão para mantê-lo afastado da desordem. Porém, como o dever não é cumprido em função do descaso, este também se torna recíproco. Mesmo sabendo das possíveis punições, o sujeito se arrisca e não se importa em desafiar as autoridades. Tudo o que ele fizer a partir de então, hipoteticamente é o resultado de uma violência maior já instituída.

Luiz Eduardo Soares, no artigo “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência”, entende esse tipo de situação da violência como sendo criminal, onde tudo, de algum modo, se encontra articulado à maior das violências, que é a estrutural, a que possui dupla mensagem, sempre associada à exclusão em massa da cidadania. Para ele, há três modalidades mais graves de violência criminal:

A primeira modalidade de violência criminal é que se verifica nos circuitos em que operam as elites econômicas e políticas. Refiro-me aos crimes de corrupção e de assalto ao patrimônio público, os quais, mesmo não importando diretamente em agressões físicas, se realizam sob a forma espetacular de uma intensa violência simbólica, porque, impunes, difundem na população um sentimento de impotência e de descrédito nas instituições e até mesmo na própria viabilidade da vida coletiva. Creio desnecessário mostrar a ligação entre essas práticas, entre essa impunidade, e as condições de operação do capitalismo autoritário. Os vínculos são evidentes. (Soares 2000: 40)

A segunda modalidade diz respeito à criminalidade praticada pelas classes subalternas, envolvidas num complexo contexto socioeconômico e cultural. É esta modalidade de violência que “desnorreia o indivíduo, na relação consigo mesmo e com os outros, bloqueando a resistência politizada à opressão”; ou ainda, “ela enseja combinações explosivas entre, digamos, a valorização do poder e da disputa sem limites ou ‘darwiniana’ pela supremacia” (Soares 2000: 40).

A terceira modalidade de violência exposta por Soares “é aquela que atravessa todos os circuitos sociais e não tem fins lucrativos, nem se submete a cálculos estratégicos, movidos por interesses mercantis” (2000: 41). E, assim, ele completa:

Essa modalidade atinge sobretudo as mulheres, mas também as crianças, e revela uma realidade espantosa, dramática e quase completamente

desconsiderada no Brasil. Sua principal arena é a casa e seu nicho social são as relações de parentesco, de conjugalidade e de vizinhança. A casa, outrora cantada em prosa e verso como espaço de proteção e amor, é palco frequente das mais diversas formas de violência, as quais nos remetem à discussão sobre a opressão das mulheres e sobre as condições em que são criadas as crianças no país. (Soares 2000: 41)

De forma interligada, essas três modalidades também estão evidentes em “A luta”. Se houver desprezo em relação a essas hipóteses de Soares, aparentemente não há razão para “a luta”. Porém, como vimos, existem motivos externos à narrativa que a induziram.

Finalmente, a segunda parte do texto é a descrição da luta corporal provocada pelo trabalhador como resposta à suposta pirraça feita pelo mulato. Este, sendo o mais forte, saiu vitorioso. Na luta, tudo foi válido. Bater e apanhar trouxe a ambos, e principalmente para o trabalhador, uma espécie de gozo, como se fosse possível apenas se perceber por meio da dor física, como se ela fosse a única possibilidade de se sentirem vivos.

A ignorância do trabalhador também fica muito clara através de sua própria narrativa, pois há a repetição, ao final de alguns parágrafos, das expressões “comigo é assim”, “porque comigo é assim”; ou seja, isso também nos permite inferir o seguinte: se todo mal em sua vida é possível, se não há solução para nada e se o violentam, por que ele também não teria o direito de fazer o mesmo com os seus inferiores?

O triunfo e o abandono da luta pelo mulato foram seguidos pela presença intimidadora da polícia:

Fiquei uma porção de tempo ali deitado e o mulato não vinha mais, eu esperava e ele não vinha, ele agora estava junto do balcão e conversava e ria com o gerente da casa, o gerente puxava o saco dele e ele não vinha mais, que agora já estava satisfeito e tinha dois soldados na cantina e todo mundo ria e comentava a briga, apontando pra mim e pra ele e fazendo gestos, explicando. Os soldados não faziam nada, só impunham a presença, misturados com o pessoal em volta de mim (14).

Os soldados representavam o Estado. Eles tinham amizade com o gerente da cantina e também com o mulato, e se não fizeram nada com o homem trabalhador que desfalecia a um canto já sem um dos dentes (sem saber se o teria engolido) foi porque não quiseram se envolver. A falta do dente e a situação desprezível também por parte das autoridades levaram o trabalhador novamente à loucura. Por isso, retomou o pouco de forças que ainda restava, pegou de uma garrafa e foi de encontro ao mulato. Porém, os soldados, aproveitando a ocasião hilariante, o impediram de continuar a luta. Contra a força maior, não se pode agir: “eu chorava e o soldado torcia meu braço, ele ia partir o meu braço, eu sentia que ele estava gostando de fazer isso” (14).

Semelhantemente ao trabalhador de “A luta”, o protagonista de “Assassino”, a princípio, parece ser um cidadão comum que sai de casa para um simples passeio:

Ele chegara do trabalho e, não podendo suportar sua inútil presença dentro do quarto, saiu à rua e esteve indeciso diante de um cinema e um bar e, depois, percorrendo monótono as ruas do centro da cidade, sem um destino que o tornasse parte daquele começo de noite, foi bater na porta daquela mulher de antigamente. (17)

Essa “mulher de antigamente” foi a que se tornou vítima do assassino. Após ter entrado na casa dela e ter jogado cartas com seu pai e se fazer tolerar pelo irmão, o trabalhador provavelmente a convidou para uma caminhada no parque que havia ali perto. No entanto, foi mediante a companhia apática dessa mulher que o assassinato se desencadeou:

após andarem de um lado para outro, imobilizou-a junto à árvore, perseguindo uma carícia. Uma carícia desde o princípio desesperançada e ele apenas esperou que ela o repelisse e que retornasse para a casa, para que também pudesse estar logo em seu quarto e dormindo. Mas ela não o repelira nem o aceitara, limitando-se a permanecer estática junto à árvore e ele beijou sem emoções uma boca fechada sob os olhos que viam adiante e depois das árvores, a indicar uma paciência de que as coisas logo se cumprissem e ela fosse deixada em paz. Por isso, talvez, a tivesse assassinado. Por não suportar o pouco surgido do encontro de ambos, como se aquela fosse uma última oportunidade. (18)

Assim, no decorrer de toda a narrativa, a onisciência do narrador persegue o criminoso em sua trajetória pós-crime, infiltrando-se em sua consciência de forma a desvendar o motivo do assassinato. Se comparado com “A luta”, esse conto é passível de maior reflexão porque não apresenta, da parte do assassino, nenhuma condição opressiva quanto ao social. O agir é instantâneo, simplesmente irrefletido, como se uma força contrária à vida se apossasse do indivíduo e o incitasse a cometer a maldade. Contra a natureza, como uma pulsão de morte, o assassinato contribuiu apenas para o desequilíbrio da vida do impiedoso, pois, para ele, depois do crime cometido ainda restou a culpabilidade refletida. Para os outros, no entanto, o mundo continuou em sua rotina como se nada tivesse acontecido.

A narrativa se dá em *auclepse*, a cena é repentinamente retomada, mas não há pressa e a progressão é lenta, assim como tudo o que se passa com o assassino: “Encontrado o corpo, os indícios levavam facilmente ao criminoso e se gastaram algum tempo a prendê-lo foi por não o pensarem em seu próprio quarto, para onde se dirigira logo após o crime” (15). Durante toda a noite o assassino permaneceu deitado em sua cama, com a roupa ainda suja de sangue, fumando e à procura de uma razão, mínima que fosse, para poder justificar o seu ato ilícito. Seria ele de ordem sexual? Porém, o mundo ao seu redor também incomodava pela sua calma: “E era estranho, muito estranho, que o casal risse em meio à música do rádio no quarto ao lado e que

os sons chegassem da rua familiares como sempre” (15). Isso o levou à janela, e por um momento, um impulso de suicídio se apoderara dele, mas ao medir-se no espaço, não teve coragem suficiente para a ação. O salto aconteceria “a menos que ainda fosse capaz de impulsos; impulsos tão rápidos como aquele que o fizera golpear a mulher por diversas vezes com a pedra até matá-la” (15).

Nesse espaço de tempo entre a idéia e a não-ação, acabou por presenciar um outro ato de violência: uma batida de automóveis em frente ao prédio onde morava. Ao voltar para a cama com os sapatos ainda sujos pela terra do parque, se lembrou da proprietária da pensão, “e se ainda pensava na velha era para imaginar-lhe o excitação ao ser elevada à dimensão mais importante de hospedeira de um assassino” (16).

O assassino deixou ser um instrumento da violência. Ele não compreendia o que fez e porque fez. A sua angústia psicológica estava voltada para o apagamento de seu ato, como se tudo não passasse de um sonho. A força maior que o fizera cometer o assassinato, assim como súbita e instintivamente se apoderara dele, também desaparecera e a brutalidade foi seguida de uma fragilidade onde predominava o medo e a vergonha. A sensação de impotência diante de si e do mundo permitiu a ele uma rememoração lírica da infância. A figura da mãe, que ao mesmo tempo o consolava, mas também o repreendia por suas travessuras, fez menção à sua futura punição pela lei:

Homem feito, o soluço que irrompeu agora, independente, da garganta, também era um som novo e sem relação com aquele choro de criança quase apagado na memória; porque naquele tempo não era responsável por nada e a mãe vinha e o consolava e mesmo os pequenos castigos formavam parte das necessidades naquele mundo seguro e imutável. Agora nem a mãe poderia coisa alguma e seria preferível que estivesse morta como o pai, pois era inútil reviver qualquer proteção e apego. Porque nesse momento era obrigado a enfrentar-se e um crime fora irremediavelmente consumado e ele se tornara um assassino e diferente e irreconhecível a todos os outros. (16)

Essa característica da violência na contemporaneidade é relevante, irrevogável. Por que será que o próprio assassino se considera diferente e irreconhecível a todos os outros? Talvez porque para os outros haveria uma razão forte que os levassem aos atos hediondos, mas no caso dele, a violência foi cometida sem causas aparentes, sem sentido, apenas como uma descarga emotiva diante de uma imagem ilusória. Isso é o que também afirma Margareth Kuhn Martta, em seu livro *Violência e Angústia*:

Retomando o caminho do homem até sua origem, percebe-se que a violência esteve presente em sua vida das mais variadas formas, mas a contemporaneidade traz consigo a marca de uma violência que se diferencia do que foi, até hoje, visto e vivenciado. É uma violência que se pode definir como gratuita, são atos aparentemente sem motivo e sem sentido que encontram-se em todos os

segmentos da vida atual do homem, o que fez com que a contemporaneidade recebesse o título de ser a “cultura da violência”. (2004: 78)

Nesse mundo onde a “cultura da violência” se faz presente, são incompreensíveis certas atitudes, como a do personagem do conto. Para ele, viver era tedioso, o vazio da existência o acompanhava. Foi isso que o levou, hesitando entre ir a um bar ou ao cinema, a “bater na porta daquela mulher de antigamente” (17). Ou seja, apenas conhecemos a sua história de vida pelo recorte que o narrador fez a partir do crime, e não em sua totalidade. A mulher não era qualquer uma, mas a específica de “antigamente”. Apesar de, em sua lembrança do crime, o assassino buscar desculpas para o seu ato hediondo, o narrador também intriga pela sua péssima justificativa. Não há como se firmar no pensamento de um assassino. Buscar as causas para o crime seria inútil diante da impossibilidade de provas materiais anteriores a ele, a não ser que se busquem causas de ordem psíquicas. Nesse caso, teríamos um exemplo de sujeito fragmentado, sem valores morais e éticos capaz de guiá-lo em sua existência, sem um autocontrole e simplesmente movido por sua irracionalidade.

Após ter iniciado o espancamento da mulher, primeiro com os punhos e depois desferindo nela golpes de pedra, o narrador esclarece: “Ele não quisera feri-la nem matá-la; desejava estar longe e terminar logo com aquilo, mas houve o sangue e os gemidos e os olhos espantados e fora obrigado a destruí-la: a morte era a única maneira de tudo consumir” (19). O assassino procurou, em suas reflexões noturnas, uma isenção para a sua culpa. Como se quisesse dividi-la com os demais, ou seja, com o autor do conto, com o narrador, com o leitor, com todos os outros homens: “Porque, sobrevivente, ele se resumiria, naquele quarto e depois no cárcere, na revivência daquele conjunto de gestos, os únicos que agora lhe pareciam realizados por suas mãos e, no entanto, movimentos que não comandaram e não poderia reconhecer como seus” (19).

Rememorando o acontecido e não encontrando culpa em si, como se tratasse de um sonho mau, o assassino parou de chorar e começou a voltar sua mente para o preço que pagaria no “mundo dos homens”, ou seja, no mundo real, como se o crime fosse algo não-humano, transcendental.

Assim, nos dois últimos parágrafos do conto, que possuem uma construção interessante, há a descrição do assassino em julgamento após ter sobrevivido a alguns meses de cadeia. Devido ao fato de ele ainda tentar em sua mente procurar uma argumentação que convencesse o público presente, há uma alternância no discurso do narrador. Este faz uma separação entre a impotência do que o assassino poderia fazer ou dizer aos homens para que acreditassem nele (escrito em letras normais), e o que ele realmente disse e fez para a sua própria condenação diante do juiz (escrito em letras de caixa alta e em negrito). Essa mistura é aleatória ao longo dos parágrafos, possibilitando uma leitura em conjunto de ambas as partes do discurso, ou ainda somente da parte que está grafada diferente (todas as letras em maiúsculas e em negrito). Caso sejam separadas, esta pode ser lida da seguinte maneira na construção do texto:

DE MANEIRA QUE, QUANDO, FINALMENTE, (...), FOI CONDUZIDO DIANTE DO JUIZ E OS OUTROS E, (...), VIU CHEGADA A OPORTUNIDADE DE EXPLICAR-LHES; (...); NESSE MOMENTO, ELE DEU UM PASSO À FRENTE, UM LARGO PASSO ADIANTE SEGUIDO DE UM GESTO, UM SENTIDO MOVIMENTO QUE FEZ CONCENTRAR EM SUA PESSOA TODAS E POUCAS FISIONOMIAS DESATENTAS NA SALA.

ELE SE LEVANTARA E, (...) LHES MOSTRARIA QUE NÃO ERA CULPADO, (...) E, ASSIM, (...) PRINCIPIOU UMA FRASE, (...) O COMEÇO DO QUE SERIA SUA SALVAÇÃO, SE FOSSE POSSÍVEL, (...), DIZER AOS HOMENS TODA A SUA VERDADE; UMA VERDADE QUE, REPENTINAMENTE – (...) – ELE DESCOBRIU, (...) SER UM PESADELO MAIOR DO QUE SEU PRÓPRIO CRIME, PARA ENTÃO, (...), DEIXAR CAIR O BRAÇO E RESPONDER DESALENTADO, (...) - QUE SIM (...): QUE FORA BEM ELE QUE MATARA A MULHER. (22-21)

Portanto, assim como em “A luta”, independentemente de uma causa ou não, o que existe em “Assassino” é a presença da terceira modalidade criminal da violência, também já citada, a partir de Soares, no início dessa breve análise. E, para complementar esse raciocínio, Ronaldo Lima Lins também conclui que depois de Freud, ele já não pode afirmar nada com segurança sobre si mesmo. Se ele vê um assassino, sente-se próximo dele, percebe que há em seu ser a potencialidade do assassinio. Por isso, nota-se diverso e semelhante a seu vizinho, por mais repugnante que o julgue, e semelhante às suas anomalias, às suas perversões (LINS 1990: 70).

OBRAS CITADAS

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MARTTA, Margareth Kuhn. *Violência e Angústia*. Caxias do sul: Educus, 2004.

SANT’ANNA, Sérgio. *Contos e novelas Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOARES, Luiz Eduardo. “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. *Linguagens da violência*. Org. Carlos Alberto Messeder Pereira, et al. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 23-46.

BETWEEN THE FIGHT AND THE MURDERER, REASONS TO SURVIVE

ABSTRACT: Reading two stories written by Sérgio Sant’Anna “The fight” and “Murderer”, the article intends to exam the violence in its several criminal kinds through the analysis of the context in the selected short-stories, in which the thematic presence can be seen as a factor of (ir)rationality.

KEYWORDS: Contemporary literature, Sérgio Sant’Anna, violence.

Recebido em 15 de abril de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.